

O Jesus Histórico, a Religião, a Religiosidade e o Culto: Uma tentativa de diálogo inter-religioso no Rio de Janeiro.

André L. Barroso

Resumo: O presente artigo é uma primeira reflexão de um projeto que pretende compreender que tipo movimento sócio-religioso se configurou no Norte da África quando comunidades do antigo Egito, Etiópia e região onde hoje chamamos Sudão aderiram à mensagem dos cristãos. Partimos de uma teoria desenvolvida por Geertz onde o processo de interação cultural se dá na diversidade marcada pelo meio, pela geografia e por questões sociais específicas dos grupos que se encontram. Assim, chegamos a uma premissa prévia de que o cristianismo que chega às diversas regiões da África não compõe um movimento homogêneo cuja origem está no judaísmo igualmente heterogêneo como podemos observar em suas diversas comunidades; e que o encontro com as comunidades africanas acima citadas criam algo diferente daquilo que estava sendo experimentado da palestina e demais regiões do Império Romano Ocidental. Segundo Geertz (2004): "... é preciso mudar para se manter o mesmo." Com isso, nem o cristianismo se mantém intacto em um determinado encontro cultural, nem as comunidades aderentes ao cristianismo perdem por completo sua identidade cultural.

Palavras-chave: Cristianismo, Judaísmo. Interação Cultural, Religião e Política.

Abstract: The article is a preliminary analysis of a project that aims to understand what kind socio-religious movement is set North Africa when communities of ancient Egypt, Ethiopia and the region where we now call Sudan acceded to the Christian message. We started from a theory developed by Geertz where the process of cultural interaction occurs in the middle marked by diversity, by geography and social issues of specific groups that meet. Thus we come to a prior assumption that Christianity comes to the various regions of Africa do not compose a homogenous movement whose origins lie in Judaism also heterogeneous as can be seen in their diverse communities, and that the meeting with African communities mentioned above create something different from what was being experience in Palestine and other regions of the Western Roman Empire. According to Geertz (2004): "We must change to remain the same". Thus, neither Christianity remains intact en a gives cultural encounter, nor the communities adhering to Christianity completely lose their cultural identity.

Keywords: Christianity, Judaism, Cultural interactions, Religion, politics.

Este artigo, que é o início de uma reflexão na elaboração da minha Tese de Doutorado¹, que está sendo realizada Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, representa parte deste esforço historiográfico que busca perscrutar a história

¹ <http://lattes.cnpq.br/0466146822739635>. PPGHC / UNICAMP; PPGHist-UNICAMP/FAPESP; SEEDUC-RJ; Fórum D. Hélder Fé e Diálogo. Esta pesquisa é orientada pelo professor Dr. André Leonardo Chevitarese. Ela também dialoga com os professores Dr. Pedro Paulo Abreu Funari e Margareth Rago. Ela ainda conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

do cristianismo antigo, a partir dos contextos modernos de produção científica. Os usos do passado, como agenciamentos em épocas determinadas, aparecem de forma tanto a elucidar as construções discursivas do passado, quanto as suas apropriações em diferentes momentos da História. Subjetividade, inventário de diferenças, conhecimento plural são algumas das perspectivas abertas a um convite saboroso à reflexão histórica sobre Jesus e seus seguidores.

Antes de tratar do motivo que fundamenta este artigo, gostaria de traçar algumas rápidas considerações sobre a pesquisa em História Antiga: primeiramente, não somos seres do passado, vivemos no tempo e no espaço presentes. Assim, são os problemas do presente que nos toca e nos incomoda, exigindo uma resposta para o aqui e agora. “Ir ao passado” quer significar: buscar nas relações de poder e força que produziram ações e relações sócio-político-culturais no passado, uma lente sob a qual poderíamos ler um problema presente. Em segundo lugar, e com essa observação encerro essa digressão, o que se quer, ao estabelecer as relações entre cristianismo antigo e as religiões de matrizes africanas, é combater a intolerância religiosa e cultural no presente. O que se pretende não passa em determinar quem foi o primeiro, como fez Martin Bernal (1987), pois acho esse viés infrutífero não só para o debate, como também para construção do diálogo, cujo fim é pensar uma nova sociedade. O que importa é o fato de que sempre houve encontro entre diferentes culturas e que as relações humanas se baseiam em relações de poder. Essa constatação, porém, não faz das sociedades, situadas em tempos diversos, um retrato em preto e branco. Prioritariamente, elas são uma realidade multicolorida, com anseios e interações que lhe são próprias, que não devem servir em nossas idealizações.

A utilidade e a importância da obra de Martin Bernal estão justamente em desvelar esse olhar pragmático sobre o mundo clássico, a partir de uma primazia grega e romana, a qual serviu como modelo para a construção dos Estados Nacionais, no que diz respeito à política, cultura e produção filosófico-científica e colocar um problema que é perceber a África como um lugar que interage com as demais culturas já na Antiguidade.

Assim, entende-se que a historiografia brasileira tenha se voltado, cada vez mais, para a religiosidade, de períodos mais recentes e mais distantes. A área de História Antiga, ao consolidar-se como campo de investigação especializado, não escapou a essa tendência. O reconhecimento da diversidade, como valor, tanto no mundo, quanto no Brasil, contribuiu,

também, para que o estudo da religiosidade antiga ganhasse reconhecimento. Passou o tempo das escolas monolíticas, das ortodoxias interpretativas e dos temas canônicos. Com isso, floresceram as pesquisas historiográficas sobre identidades, sentimentos, emoções, representações. O cristianismo antigo encontrou, neste ambiente, condições particularmente favoráveis. O interesse dos estudiosos pôde ser direcionado à pesquisa acadêmica, ao corrente da literatura internacional, equipada com o comando do instrumental científico, a partir do domínio da documentação escrita, material e iconográfica e das questões teórico-metodológicas. Multiplicaram-se os centros de pesquisa historiográfica dedicados a estudos da temática antiga cristã.

Tentar desconstruir a figura do Cristo glorificado, construído no final da Antigüidade, e consolidado durante a Idade Média, é a tarefa magna para um tipo de historiografia preocupada em abrir um diálogo intercultural e inter-religioso. A construção dos Estados Nacionais Europeus se deu a partir de escolhas que afetaram diretamente sua formação cultural e religiosa, como o branco e o cristianismo, com conseqüências desastrosas para a modernidade, haja vista a colonização do Novo Mundo e seu modelo de produção baseado no trabalho escravo e sua comercialização, sendo em suma mais lucrativa do que comercialização da cana-de-açúcar.

Este é um trabalho árduo e meticuloso e, portanto, não pode depender de uma só área do conhecimento. Acredito que só o trabalho transdisciplinar possa ser capaz de produzir conhecimentos seguros em uma área do conhecimento onde paira mais dúvidas do que certezas. É importante saber que a validade metodológica não significa a exclusividade do método, antes, quer dizer que este é mais um dentre outros tantos utilizados. A comparação transdisciplinar, comparativismo. O que pretendemos é, tão somente, resgatar a importância do tema e sua utilidade na perspectiva da construção do conhecimento.

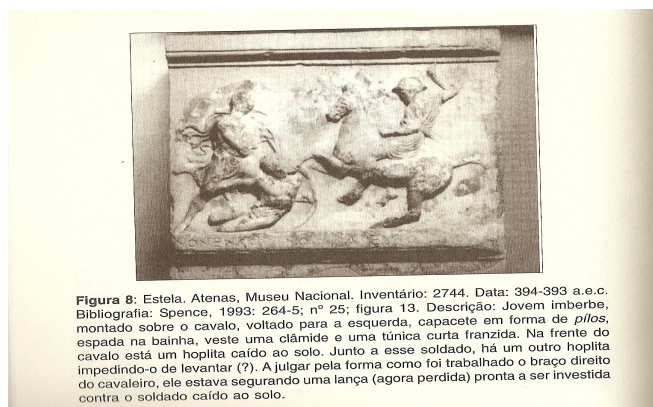
Aproveito para explicar que o trabalho que fundamenta esta minha escolha compõe um projeto, cuja finalidade é ser um grande laboratório científico historiográfico, congregando, em um mesmo espaço de estudo, pesquisadores das mais diversas áreas do saber humano, me refiro aqui ao trabalho de Marcel Detiene, “*Comparar o Incomparável*”. Nosso trabalho é construir objetos comuns observados a partir da metodologia comparada. (Detienne, 2004: 11).

Pelo fato de possibilitar, mais que isso, buscar o diálogo com outras disciplinas, como sociologia, antropologia, arqueologia, filosofia, psicologia etc. Devo considerar essa postura metodológica como aquela que cria os melhores espaços de observação no estudo histórico das religiões, como afirma Ciro Flamarion Cardoso (2005: 203): “... Mais do que no passado, impõe-se hoje com frequência a análise interdisciplinar ou transdisciplinar nos assuntos da História das Religiões e da Religiosidade”.

Dito isso, é possível, com uma metodologia definida, lançar mão da cultura material, da antropologia e da sociologia, para dar apenas um exemplo, com o objetivo de desconstruir algumas verdades que só serviram para ampliar o sentimento de rivalidade e desrespeito de culturas e religiosidade, com sua posterior demonização. Se lançarmos mão da cultura imagética, poderemos observar que a originalidade, com que foram tratadas algumas apropriações da cultura cristã, é muito mais uma construção do que existente em si.

É mais fácil falar de sincretismo, quando nos referimos ao fato de as religiões de matrizes africanas o praticarem, com o claro objetivo de manterem suas relações com as origens sociais e religiosas. Isso, porém, não nos faz refletir que o mesmo cristianismo, que nomeia como sincrético a apropriação de São Jorge, na medida em que interagiu com outras culturas, venha a ser lido como superstição desregrada e depravada, tal como pensaram Plínio, o Jovem, Tácito e Suetônio, quando se referem as comunidades “cristãs” que, segundo os mesmos autores, se espalhavam por Roma e por todo o Império Romano.

Desde a colonização, quando os negros foram seqüestrados do território africano e foram trazidos como mão-de-obra escrava para o Brasil, que seus valores, sua cultura, sua religião, enfim, suas heranças africanas lhes foram arrancadas. O não reconhecimento da religião e da cultura dos povos africanos serviu, em muitos casos, como justificativa para a escravidão, pois não faziam parte do padrão de civilização europeu que era o branco e cristão. Dessa forma, eles podiam ser desrespeitados e escravizados (fatos estes abordados muito superficialmente pelos livros didáticos e que carece de uma literatura mais aprofundada do ponto de vista científico). Desta feita, o caminho deixado ao negro era abrir mão de sua religião, de seus costumes, de seus valores, de sua visão de mundo, de sua visão de sociedade e de Estado para enfrentar uma realidade de perseguição aqui no Brasil.



As imagens que apresentamos, extraídas do livro de Chevitarese e Cornelli (2007), podem ser vistas sob a ótica da interação cultural. É um caso emblemático de que as culturas se encontram e com isso se apropriam de elementos, uma das outras, sem que tenhamos que definir a quem pertence originalmente o conceito ou a imagem, no caso que apresento acima. A imagem cavaleiro sobre cavalo submetendo inimigo está no ideário antigo das mais diferentes culturas e povos. Porém, na medida em que a cavalaria medieval passou a ser o símbolo mais presente e próximo para nós, sendo o cristianismo Ocidental a principal referência de política e de religiosidade, o símbolo cristão assumiu a pseudo originalidade do esquema imagético.

A primeira reação dos negros contra a intolerância religiosa foi lançar mão de uma estratégia de resistência, conhecida como sincretismo religioso, ou seja, o negro escondeu a prática de seus valores religiosos na experiência religiosa do seu dominador. Dessa forma, ele poderia cultuar seus orixás, comparando-os aos santos cultuados pelos portugueses. Assim surgiram o candomblé e a umbanda no Brasil, como forma de resistência dos cultos afros, que continuaram sendo historicamente perseguidos e só obtiveram, assim como

outras manifestações religiosas no Brasil, seus direitos adquiridos a partir da Constituição² de 1988. Esse atraso no conhecimento levou à falta de compreensão e de informações sobre esses direitos à maioria das pessoas, de modo que a ignorância tem permitido o crescimento da intolerância religiosa no Brasil.

Mesmo admitindo que não se possa fugir por completo das influências e determinações dos paradigmas histórico-científicos produzidos na Europa ou nos Estados Unidos, hoje é fundamental firmar uma produção científica, a partir de elementos das culturas outrora marginalizadas, sem que isso queira representar uma pseudo-originalidade idéia da qual não partilho. Contudo, recolocar o problema do conhecimento como construção, ao invés de assumi-lo como verdade absoluta, traz para a baila possibilidades reais de se produzir uma nova versão da historiografia. A História e a Filosofia da Religião, no geral, e o Jesus Histórico, no particular, surgem como uma luz no fim de um túnel, centrado no desrespeito e na intolerância, já que apontam para uma coexistência dos diferentes.

Retirar da História do Cristianismo essa pecha de originalidade e colocá-la como um encontro, com suas tensões e disputas de poder, é fundamental hoje no Rio de Janeiro. Essa nova direção é decisiva na construção de uma cultura de paz, onde o combate à intolerância religiosa e cultural conduza ao respeito e ao diálogo com o outro, com o diferente, sabendo que este é indispensável para a compreensão do povo brasileiro e do nosso status de nação.

Penso que, como propõe Keite Thomas (1991) em obra memorável sobre as crenças populares na Inglaterra nos séculos XVI e XVII, a religiosidade do povo supera qualquer possibilidade de enquadramento da experiência com o sagrado, isso pode ser observado na história da humanidade em diversos processos de proibição ou imposição de um determinado culto.

Dito isto, o culto e a religiosidade, enquanto experiências de grupos e comunidades se contrapõem à religião entendida como um conjunto de dogmas e regras impostos ou acordados por um grupo como forma de se travestir de uma pseudo-unicidade, que mais parece unicidade.

Hoje, no Rio de Janeiro, a união de diversos grupos e lideranças religiosos, intelectuais e militantes dos direitos humanos, em torno da Comissão de Combate à Intolerância

² O capítulo X da atual carta magna garante aos brasileiros o direito e a forma de manifestarem livremente a sua religião.

Religiosa (CCIR), faz com que a pesquisa que aqui apresento tenha um caráter original e que se justifique como uma ferramenta de transformação social. A lua da CCIR se apresenta como instrumento fundamental na construção da democracia e de uma sociedade justa e fraterna, onde as diferenças representem a riqueza da nação brasileira e não o motivo para os conflitos e violência contra as religiões de matrizes africanas.

Referências bibliográficas

- APPIAH, K. A. *Na Casa de Meu Pai: A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BARROSO, A. L. S. Jesus Histórico. Importância e Limites de um Método em John D. Crossan. In: André L. Chevitarese e Gabriele Cornelli (Orgs). *A Descoberta do Jesus Histórico*. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 2010, pp. 57-67.
- BARROSO, A. L. S. Antigas Origens. A Filosofia Grega, A Visão Cristã sobre o Corpo e Os Equívocos sobre o Celibato. In: *Aventuras na História*. São Paulo: Abril, agosto/2010, nº 85, PP. 35.
- BARROSO, A. L. S. e GUERRA, L. G. Influência Pagã na Teoria e na Prática. In: *História Viva*. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, nº. 1, pp. 22-23.
- BERNAL, M. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. The Fabrication of Ancient Greece 1787-1987*. London: Free Association Books / New Brunswick: Rutgers University Press, volume I, 1987.
- CARDOSO, C. F. S. *Um Historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- CHEVITARESE, A. L., CORNELLI, G. E SELVATICI, M. *Jesus de Nazaré. Uma outra História*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2006.
- CHEVITARESE, A. L. e CORNELLI, G. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo. Ensaio acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2007.
- CROSSAN, J. D. e REED, J. L. *Em Busca de Jesus. Debaixo das Pedras, atrás dos Textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CROSSAN, J. D. *O Nascimento do Cristianismo. O que Aconteceu nos Anos que se seguiram à Execução de Jesus*. São Paulo: Paulina, 2004.
- _____. *Quem matou Jesus? Raízes do Anti-Semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DETIENE, M. *Comparar o Incomparável*. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.
- FUNARI, P. P. A. *Letras e Coisas: Ensaio Sobre a Cultura Romana*. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.
- _____. e BENOIT, H. (Orgs) *Ética e Política no Mundo Antigo*. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / FAPESP, 2001.
- GEERTZ, C. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2004.
- _____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 1989.
- HORSLEY, R. *Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia. Contexto Social de Jesus e dos Rabis*. São Paulo: Paulus, 2000.

MALINA, E. *O Evangelho Social de Jesus. O Reino de Deus em Perspectiva Mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004.

MEIER, J. P. *Um Judeu Marginal: Repensando o Jesus Histórico*. Rio de Janeiro: Imago, Volume I, (1992); volume II, Livros 1 (1996), 2 (1997) e 3 (1998); volume III, livro 1 (2003) e 2 (2004).

OVERMAN, J. (1997) *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo. O Mundo Social da Comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola

RASSI, S. T. (Org). *Negros na Sociedade Brasileira*. Goiânia: Editora UCG, volumes II (2006), III (2008) e IV (2009).

SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

STARK, R. *The Rise of Christianity: A Sociologist Reconsiders History*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

THOMAS, K. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERMES, G. *A Religião de Jesus, o Judeu*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.